

## Índice

... 19**	11
... 1941	75
... 1942	111
... 1943	137
... 1944	267
... 1945	329
... 1946	353
... 1947	435
19**...	577
Notas	587

*Um dia de inverno do ano de  
1941 um soldado alemão caminhava  
no bairro de San Lorenzo em Roma.  
Não sabia mais do que 4 palavras em italiano  
e do mundo sabia pouco ou nada.  
O nome dele era Gunther.  
O apelido permanece desconhecido.*



## I

Um dia de janeiro de 1941, um soldado alemão de passagem, no gozo de uma tarde de liberdade, encontrava-se, sozinho, a vaguear pelo bairro de San Lorenzo, em Roma. Eram cerca das duas a seguir ao almoço, e a essa hora, como é de uso, pouca gente circulava nas ruas. Nenhum dos passantes, aliás, olhava para o soldado, pois os alemães, ainda que camaradas dos italianos na guerra mundial, não eram populares em certas periferias proletárias. E o soldado tão-pouco se distinguia dos outros da sua espécie: alto, loiro, com a habitual atitude de fanatismo disciplinar e, especialmente na posição do boné, uma afirmação provocatória a condizer.

Naturalmente, para alguém que se pusesse a observá-lo, não deixava de mostrar alguns pormenores característicos. Por exemplo, em contraste com a sua passada marcial, tinha uma expressão desesperada. A cara revelava-se incrivelmente imatura, embora devesse ter um metro e oitenta e cinco de altura, mais ou menos. E o uniforme — coisa verdadeiramente esquisita num militar do Reich, especialmente naqueles tempos da guerra —, se bem que novo e bem ajustado ao corpo magro, estava-lhe curto na cintura e nas mangas, deixando-lhe à mostra os pulsos rudes, grossos e ingénuos, de campónio ou de plebeu.

Tinha-lhe acontecido, na verdade, ter crescido repentinamente, tudo durante o verão e outono passados; e entretanto, naquele afogadilho de crescer, a cara, por falta de tempo, tinha-se mantido como era antes, de tal modo que parecia acusá-lo de não ter sequer a idade *mínima* para a patente ínfima que era a dele. Era um simples recruta da última convocatória da guerra. E até ao momento em que foi chamado a cumprir os deveres militares, tinha sempre vivido com os irmãos e a mãe na sua casa natal, na Baviera, nos arredores de Munique.

A morada dele, precisamente, era na aldeia rural de Dachau, que mais tarde, no fim da guerra, viria a tornar-se famosa pelo “campo de trabalho e de experiências biológicas” que existia nos arredores. Mas, no tempo em que o rapaz crescia na aldeia, aquela delirante máquina de massacre estava

ainda nos seus ensaios iniciais e clandestinos. Nas vizinhanças, e até no estrangeiro, era inclusive admirada como uma espécie de sanatório modelo para desadaptados... Naquela altura, o número de internados era talvez de uns cinco ou seis mil; mas o campo iria tornar-se mais populoso de ano para ano. Por fim, em 1945, o total dos seus cadáveres montava a 66 428.

Porém, as explorações pessoais do soldado, dado que (obviamente) não podiam estender-se até esse inaudito futuro, tal como não podiam fazer comparações com o passado, e mesmo com o próprio presente, tinham-se mantido até ao momento bastante confusas, raras e limitadas. Para ele, aquela aldeola materna na Baviera significava o único ponto claro e doméstico na dança emaranhada do destino. Tirando isso, até ao momento em que se tornou um guerreiro, tinha conhecido apenas a vizinha cidade de Munique, onde tinha um trabalho qualquer como eletricista e onde, havia pouco tempo, tinha aprendido a fazer amor, com uma prostituta idosa.

Nesse dia de inverno, em Roma, o tempo estava coberto e soprava o siroco. No dia anterior tinha acabado a Epifania “que leva consigo toda a festa que havia”, e o soldado só há poucos dias tinha acabado a licença de Natal, que passara em casa com a família.

O nome dele era Gunther. O apelido permanece desconhecido. Tinham-no largado em Roma nessa mesma manhã, para uma brevíssima etapa preparatória da viagem para um destino final, conhecido apenas do Estado-Maior, mas ignorado pelas tropas. Entre os camaradas da sua unidade, conjecturava-se em segredo que a meta misteriosa devia ser África, onde se pretendia, ao que parecia, instalar guarnições militares, para defesa das possessões coloniais da Itália aliada. Esta informação tinha-o eletrizado, a princípio, com a perspectiva de uma autêntica aventura exótica.

ÁFRICA! Para alguém que mal atingira a idade adulta, para quem as viagens que fizera eram de bicicleta ou no autocarro para Munique, era um nome e tanto!

ÁFRICA! ÁFRICA!!

... Mais de mil sóis e dez mil tambores

zanz tam-tam baobá ibar!

Mil tambores e dez mil sóis

debaixo de árvores-do-pão e do cacau!

Vermelhos alaranjados verdes vermelhos

Os macacos jogam futebol com as nozes de coco

Olha o Chefe Bruxo Mbunumnu Rubumbu

sob um guarda-sol de penas de papagaio!!!

Olha o bandoleiro branco a cavalo num búfalo

que bate os montes do Dragão e do Atlas

zanz tam-tam baobá bar

nas galerias das florestas fluviais  
onde os formigueiros nos atacam em massa!  
Tenho uma cabana aurífera e diamantífera  
e no meu telhado uma avestruz que aí fez o ninho  
vou dançar com os caçadores de cabeças  
Encantei uma cobra cascavel.  
Vermelhos alaranjados verdes vermelhos  
Durmo numa rede nos Ruwenzori  
Na zona das mil colinas  
apanho leões e tigres como lebres  
Ando de canoa no rio dos hipopótamos  
mil tambores e dez mil sóis!  
Apanho crocodilos como lagartixas  
no lago Ugami  
e no  
Limpopo.

... Esta escala, aqui em Itália, era a primeira no estrangeiro; e podia já servir-lhe como um antegosto para a curiosidade e a excitação. Mas ainda antes de chegar, ao passar a fronteira da Alemanha, tinha sido surpreendido por uma horrível e solitária melancolia, que se tinha apoderado dele, denunciando o seu carácter ainda por formar, cheio de contradições. De facto, o rapaz umas vezes sentia-se impaciente de aventura; mas logo a seguir voltava a ser, sem que ele próprio se apercebesse disso, o mesmo catraio de sempre. Outras vezes, prometia a si próprio realizar façanhas ultra-heroicas, capazes de honrar o seu Führer; e outras vezes ainda suspeitava que a guerra não passava de uma álgebra desconexa, tramada pelos Estados-Maiores, mas que não tinha nada que ver com ele. Havia vezes em que se sentia pronto para qualquer brutalidade sangrenta; e logo a seguir, durante a viagem, punha-se a ruminar continuamente numa amarga compaixão pela prostituta de Munique, ao pensar que agora já não devia arranjar muitos clientes, por ser velha.

À medida que a viagem prosseguia para sul, o humor triste ia prevalecendo nele, sobrepondo-se a qualquer outro instinto, até o tornar cego para as paisagens, para as pessoas ou qualquer espetáculo ou curiosidade: “Aqui estou eu a ser levado”, dizia para si mesmo, “como um gato dentro de um saco, para o Continente Negro!” Não pensou *África*, desta vez, mas sim exatamente *Schwarzer Erdteil, Continente Negro*: vendo a imagem de uma cortina negra que desde esse momento se estendia já por cima dele até ao infinito, isolando-o dos seus próprios companheiros presentes. E a mãe, os irmãos, as trepadeiras do muro de casa, o aquecedor da entrada, eram uma vertigem que ia desaparecendo para além daquela cortina negra, como uma galáxia em fuga pelo universo fora.

Neste estado, chegado à cidade de Roma, usou a licença da tarde que restava para se aventurar sozinho, ao acaso, pelas ruas vizinhas do quartel onde tinham instalado a sua coluna nesta paragem. E foi dar ao bairro de San Lorenzo sem qualquer escolha da sua parte, como um acusado rodeado de guardas que, agora, dispondo desta irrisória derradeira liberdade, como um trapo que fosse, não sabia que fazer dela. Sabia ao todo exatamente 4 palavras de italiano, e de Roma sabia apenas aquelas poucas informações que se aprendem na escola preparatória. Assim, foi-lhe fácil supor que as casas velhas e degradadas do bairro de San Lorenzo fossem naturalmente as antigas arquiteturas monumentais da Cidade Eterna!, e quando entreviu, para além do muro que rodeia o enorme cemitério de Verano, as feias construções tumulares do interior, imaginou que se tratava talvez dos sepulcros históricos dos césares e dos papas. Mas nem por isso se deteve a contemplá-los. Nesta altura, para ele, Capitólios e Coliseus eram montes de lixo. A História era uma maldição. Assim como a geografia.

Para dizer a verdade, a única coisa que de momento ele buscava, por instinto, pelas ruas de Roma, era um bordel. Não tanto por uma qualquer vontade urgente e irresistível, mas antes porque se sentia demasiado só; e parecia-lhe que unicamente dentro de um corpo de mulher, enfiado naquele ninho tépido e amigo, se sentiria menos só. Mas, para um estrangeiro da sua condição, e naquele estado de espírito torvo e arredio que o oprimia, eram poucas as esperanças de descobrir um tal refúgio por aqueles lados, àquela hora e sem nenhum guia. Nem no caso dele podia contar com a sorte de um encontro ocasional de rua: já que, mesmo tendo-se tornado, sem quase dar por isso, num belo rapagão, o soldado Gunther continuava a ser bastante inexperiente, e no fundo tímido até. De vez em quando, desafogava-se aos pontapés a alguma pedra que lhe calhasse diante dos pés, distraíndo-se talvez, por instantes, com alguma fantasia, a imaginar-se o famoso Andreas Kupfer ou qualquer outro dos seus ídolos futebolísticos; mas imediatamente se lembrava do uniforme que vestia de combatente do Reich. E retomava o seu ar composto, com um encolher de ombros que lhe fazia descair um pouco o boné.

A única toca que lhe apareceu, naquela sua mísera caçada, foi uma cave, ao fundo de uns degraus, que exibia o letreiro *Vinho e comida — Da Remo*; e lembrando-se que nesse dia, por não ter apetite, tinha oferecido o seu rancho a um camarada, sentiu uma repentina necessidade de comer, e desceu lá para dentro, atraído por uma promessa de consolação, por mínima que fosse. Sabia que se encontrava num país aliado: e contava receber, naquela cave acolhedora, não as atenções devidas a um general, naturalmente, mas de certeza uma familiaridade cordial e simpática. Em vez disso, tanto o dono como o empregado acolheram-no com uma frieza apática e desconfiada, com algumas olhadelas enviesadas que fizeram com que lhe passasse a fo-

me de imediato. E então, em vez de se sentar para comer, ficando em pé junto ao balcão, pediu vinho em tom ameaçador, que lhe serviram, depois de alguma hesitação dos dois, e de terem falado entre si na parte de trás da loja.

Não tinha por hábito beber; e, de qualquer modo, ao sabor do vinho preferia o da cerveja, a que estava mais acostumado desde pequeno. Mas, levado pela vontade de contrariar o empregado e o patrão, com um ar cada vez mais ameaçador mandou servir, uns atrás dos outros, cinco quartilhos, e esvaziou-os tragando-os a grandes goladas, como um bandido da Sardenha. A seguir atirou para cima do balcão praticamente todas as pouquíssimas moedas que tinha no bolso; ao mesmo tempo sentia uma raiva que lhe dava vontade de atirar pelos ares o balcão e as mesas, e a portar-se não como aliado, mas como invasor e assassino. Mas a ligeira náusea que lhe subia do estômago impedia-lhe toda a ação. E, num passo ainda bastante marcial, voltou a sair para o ar livre.

O vinho tinha-lhe descido para os pés e subido para a cabeça. E no pútrido siroco da rua, que o deixava agoniado cada vez que respirava, sentiu-se dominado pelo desejo impossível de estar em casa, aninhado na sua cama demasiado curta, no meio do cheiro frio e paludoso dos campos e um outro, morno, da couve-flor que a mãe cozia na cozinha. Mas, graças ao vinho, esta enorme saudade, em vez de o atormentar, deixou-o alegre. Para quem vagueia meio bêbedo, todos os milagres, pelo menos durante alguns minutos, são possíveis. Pode aterrorizar-lhes à frente um helicóptero que os leve imediatamente de volta à Baviera, ou chegar-lhes pelos ares uma mensagem-rádio a anunciar-lhes o prolongamento da licença até à Páscoa.

Deu ainda uns passos pelo passeio, depois girou ao acaso, e na primeira porta que encontrou parou à entrada, com a intenção inconsciente de se aninhar lá dentro e dormir, talvez num degrau ou num vão de escada, como é costume no carnaval nas festas de máscaras, quando se faz o que nos dá na gana sem que ninguém se importe. Tinha-se esquecido do uniforme; por um absurdo interregno ocorrido no mundo, o extremo arbítrio das crianças usurpara agora o lugar das leis do Reich! Esta lei é uma farsa, e Gunther está-se nas tintas para ela. Naquele momento, bastaria que a primeira criatura feminina que chegasse àquela entrada (não quer dizer uma rapariga comum ou uma puta de bairro, mas sim qualquer animal fêmea: uma égua, uma vaca, uma burra!) lhe lançasse um olhar minimamente humano para ele ser capaz de a abraçar com toda a força, talvez atirar-se aos pés dela como um enamorado, chamando-a: *meine Mutter!* E quando daí a instantes viu chegar da esquina uma moradora do prédio, uma mulherzinha de aparência modesta, mas correta, que voltava para casa, carregada de embrulhos e cestos, não hesitou em gritar: “*Signorina! Signorina!*” (era uma das 4 palavras italianas que ele sabia). E de um salto plantou-se diante dela, sem que se percebesse, nem mesmo ele, o que pretendia.